

As mulheres viúvas e um destino traçado sobre pressão e pobreza em São João D’aliança – Go

Verônica Lima da Fonseca Almeida¹, UnB
veronicalfa@gmail.com

1 Introdução

O Estado de Goiás situa-se na região Centro Oeste, no Planalto Central brasileiro, possuindo um território de 340.086 km², sendo delimitado pelos Estados de Tocantins (norte), Bahia (nordeste), Mato Grosso (oeste), Mato Grosso do Sul (sudoeste), Minas Gerais (leste e sul) e pelo Distrito Federal. Tem por capital a cidade de Goiânia², onde está o seu maior centro do poder político e econômico. Este Estado foi colonizado por paulistas a procura de ouro, quase após um século de descobrimento do Brasil. Em 1726, Bartolomeu Silva Boeno o principal colonizador, fundou o primeiro vilarejo goiano expandindo sua população, em função da mineração.

Este Estado manteve-se governado por representantes de São Paulo até que, em 1889, com a Proclamação da República, passou a ter seu próprio governo e ser um dos Estados do Brasil. Na atualidade, o governo estadual enfatiza orgulho da sua economia tendo não apenas a mineração como o principal produto goiano, mas as lavouras produtivas de soja, arroz e milho, o rebanho bovino, a culinária exótica, as festas e tradições como constituintes das riquezas goianas³.

Entretanto, é no nordeste do Estado de Goiás, na região da Chapada dos Veadeiros, que o município de São João D’Aliança fica localizado. Este município se originou no início do século XIX com o povoado de trabalhadores da Fazenda Olhos d’Água, no antigo município do Forte. Em 1913 torna-se vila e em 1931 passa à categoria de município. Em 1939 o município foi extinto, passando à condição de distrito de Formosa e tornou-se município novamente em 1954. Acerca do período em que São João D’Aliança ainda era distrito de Formosa, a comunidade contou que sofreram muitos momentos de pressão, violência e perdas em função das terras⁴.

Para Chalub-Martins⁵, em São João D’Aliança prevalece um modo de vida rural com uma agricultura de subsistência, onde os trabalhadores rurais são responsáveis por grande parte da produção de alimentos da região, abastecendo o mercado mais próximo com grãos, principalmente milho, arroz e feijão. Esta produção desenvolvida enquanto prática artesanal tem sido realizada

¹ Mestranda pela Universidade de Brasília-UnB, veronicalfa@gmail.com.

² Dados disponíveis em: <<http://www.goiias.gov.br/>>. Com acesso em 24/03/2009.

³ Conferir o portal do governo disponível em:< <http://www.goiias.gov.br/>>. Com acesso em: 24/03/2009.

⁴ Pesquisa de mestrado (período 2008-2010) sobre Gênero e Meio Ambiente em São João d’Aliança, realizado pelo Centro de desenvolvimento sustentável pela Universidade de Brasília.

⁵ Projeto Mulheres das Águas: Uma experiência de luta pela conservação da vida no cerrado. In **Revista do Premio Ambiental Von Martius**. São Paulo-Alemanha, v.01, 2005, p. 10-25.

principalmente por grupos familiares tradicionais que viviam na Fazenda⁶, na Terra de Posse⁷ e na Pequena Propriedade⁸. Estes têm se identificado como lavradores, por desenvolver um modo de produzir e se organizar a partir do trabalho na terra, sendo a família a principal unidade econômica (Chayanov⁹). Deste modo, os membros da família são visto como uma unidade produtiva que garante o sustento de todos. A perda de um deles pode ser catastrófica, principalmente se for o homem (ou seja, o chefe da casa) que vier a falecer, pois toda a família, em especial a mulher, sofrerá muitas pressões internas e externas da sociedade.

Entretanto, este modo de vida vai se modificando com a perda do território dos grupos familiares tradicionais para grileiros, seja por venda forçada, expulsão ou por violência¹⁰. Este processo começou no final dos anos 50, em função da modernização que se instala no país através de instalação de energia, industrialização, o aceleração da urbanização, abertura de estradas e a construção de Brasília, dentre outros.

Em 1980, em função da proximidade com Brasília, São João D'Aliança passa a ser servida por rodovias (GO 118 e BR 010), rede telefônica e energia elétrica. O incentivo do desenvolvimento regional chega ao município com a implantação da agricultura mecanizada com maquinários e novas tecnologias de plantio, sendo a monocultura da soja e do milho, a principal produção, conduzido a diminuição das culturas tradicionais de arroz e feijão. A partir daí, se intensifica outro processo de perda de terras da comunidade¹¹.

2 A terra e o destino das mulheres viúvas

Na agricultura de subsistência há grupos familiares que moram distantes do espaço do trabalho, enquanto outros têm no espaço do trabalho a própria morada. Assim, a terra pode representar tanto o lugar do trabalho, como do sustento, bem como da morada, uma vez que ela termina sendo para a população que vive dela um lugar construído.

No entanto, dentro do grupo familiar o homem exerce o papel de dono da terra não só por

⁶ A fazenda tem origem da terra de herança ou compradas na região.

⁷ Terra de posse são áreas ocupadas por grupos de ex-trabalhadores de mineradoras e/ou fazendas na região que não tinham terras e se apropriavam de áreas do governo que não eram usadas.

⁸ São pequenos lotes vendidos ou doados, um tipo de chácara, onde as famílias constituíam moradia e roça garantindo seu sustento.

⁹ CHAYANOV, Alexandre. Acerca de la teoria de los sistemas económicos no capitalistas In: PLAZA, Orlando (org.). **Economía Campesina**. Lima: Desco, 1987.

¹⁰ Segundo informantes houve pessoas que influenciados ingenuamente pelo plano de poupança no governo José Sarney vendeu as terras e foi para a cidade viver dos juros da poupança, ficando sem ter onde morar. Outros foram envolvidos por situações com venda apenas de uma parte mínima da terra, sendo expulsos por vender oficialmente toda a terra.

¹¹ Neste período houve casos de expulsão com uso do fogo sobre as casas das pessoas que se recusava a vender ou sair das terras.

ser o chefe da família, mas por que é, conforme Woortmann¹², socialmente concebido como possuidor do conhecimento necessário para realização da produção. O homem é o pai, dotado do conhecimento e poder sobre a terra, de modo a garantir não apenas o sustento da família, mas também seu poder e proteção. Por isto, a sua ausência nestes grupos familiares pode ser um grande problema e, quando isto acontece, à família tende a trabalhar mais para garantir o sustento que antes era assistido pelo pai.

Conforme Buaes¹³, a mulher que perde seu cônjuge aprende a ser viúva no meio cultural em que vive e através dos diferentes discursos que atribuem sentido à viuvez. Entretanto, a mulher também passa por situações inesperadas ou situações já esperada, pelo fato de ser viúva. As situações que serão apresentadas embora sejam diferentes têm em comum a morte do chefe da casa, o trabalho duro e a perda da propriedade, sejam estas para estranhos ou parentes.

Em São João D'Aliança também se percebeu que a morte do homem pode significar muito sofrimento para toda a família. Neste sentido, com base no recurso a memória¹⁴, verificou-se três casos que ressaltam a situação de pobreza, violência e pressão sobre mulheres que ficaram viúvas.

2.1 O administrador e as propriedades das viúvas

Em 1939, a Alemanha nazista ataca a Polônia dando início a II Guerra Mundial, neste período o Brasil já era governado por Getúlio Vargas que instalou a fase da ditadura (1937 a 1945), o Chamado Estado Novo. Em São João D'Aliança, entre 1939 e 1953, quando ainda era mantido como distrito do município de Formosa, ocorreram casos de expropriação da propriedade, tanto no núcleo urbano ou rural, onde as viúvas eram vítimas do representante da política local.

Segundo um informante local:

Naquela época, tudo era difícil, a gente ficava isolado e quando queria comprar alguma coisa, tratar da saúde ou registrar um filho tinha que ir a Formosa. Tudo era difícil, pouca gente tinha condição de ir para lá. A gente ficava sobre as ordens de um administrador, um tipo de sub-prefeito que governava aqui nomeado pelo prefeito de Formosa. Este era muito rígido, muitas mulheres que ficavam viúvas tinham que sair e deixas suas terras, casas e tudo que tinha, pois este administrador mandava tomar tudo que ela tinha. Se elas reagissem sofria maus tratos e violência. Isto era comum por aqui.

¹² WOOTMANN, Ellen. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

¹³ BUAES, Caroline Stumpf. **O envelhecimento e a viuvez da mulher num contexto rural**: algumas reflexões. RBCEH, Passo Fundo, v. 4, n. 1, p. 103-114, jan./jun. 2007.

¹⁴ HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

As mulheres eram vítimas duas vezes, na primeira vez pela perda do marido e na segunda pela perda dos pertences e/ou herança. De acordo com os informantes, a mulher que resistisse era expulsa, podendo sofrer violência a mando do administrador ou pelo próprio. Desta forma, as mulheres tinham que aceitar e sair de suas terras, por bem ou por mal. Por isto, estas viúvas quando não tinham um parente que as amparassem, terminavam indo embora do município, pois não tinham como continuar no lugar e se sustentar.

Este tipo de situação denota não apenas uma relação de poder de um homem que estaria representando na época, o poder político, policial e fiscal, mas também este representava a força da ordem masculina que, segundo Bourdieu¹⁵ é socialmente reconhecida e justificada como modelo ideal para manter a ordem das situações. Isto demonstra que as mulheres, ao possuírem esta identidade biológica, já estariam em desvantagem e fragilizada por ser mulher. Quando estas se tornavam viúvas, estariam em situação mais vulnerável ainda, uma vez que sua condição reforçaria maior fraqueza. Segundo a memória dos informantes, esta situação foi mais marcante quando estava no poder um administrador identificado por Clemente, o mais rígido de todos e que não poupava ninguém. No caso das mulheres é como se elas não tivessem direito algum sobre a terra, por isto ele podia atuar como usurpador em nome do Estado. Neste caso, este estaria recuperando a ordem masculina onde a terra e o poder é do homem. Impedia-se, assim, que a viúva falasse e atuasse enquanto o chefe da casa, pois este não é o seu papel diante do trabalho, da terra e da sociedade.

2.2 As viúvas da terra de posse

O segundo caso ocorreu na Terra de Posse, onde viviam vários grupos familiares que vieram para a região trabalhar em fazendas, ex-mineradoras ou eram grupos de pessoas que fugiam da escravidão, vindos de vários Estados da região nordeste.

Na Terra de Posse varias famílias organizaram um modo de vida plantando e tirando da terra todo o sustento, com cada família possuindo seu espaço da plantação e da moradia. A vida era difícil, por isto os grupos familiares trabalhavam na plantação muitas vezes em forma de mutirão¹⁶, tendo os homens mais velhos da família como os principais orientadores do trabalho a ser realizado.

Aqui também ocorreram varias situações de pressão sobre a mulher que ficava viúva. Segundo informantes esta experiência foi muito dolorosa.

¹⁵ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2007.

¹⁶ ALMEIDA, Roberto Alves. O saber camponês (dissertação de graduação). Brasília, Universidade de Brasília, Departamento de antropologia, 1988

Eu nasci, cresci, casei e fiquei viúva na terra de posse. Neste lugar tudo era trabalho, mãe e papai e todos os filhos trabalhavam na roça para sustentar a casa. Quando a gente não estava na roça, estava fiando e no tear fazendo roupa para vestir todo mundo. Tudo era sofrido, mas quando perdi papai, mamãe tornou-se viúva ficou mais difícil ainda, pois a gente tinha que trabalhar dobrado. A gente ficava sobre as ordens dos tios, todos sofria muito, eu tive que casar com alguém que não conhecia. Terminei ficando viúva e perdendo minha mãe quase ao mesmo tempo, meus irmãos que ficaram responsáveis pela terra e por nós, eles viviam me pressionavam muito com meus filhos para eu sair da terra. Eles escolhiam a parte de morro e pedra para eu plantar minha roça e ainda dava ordens para eu e meus filhos trabalhar primeiro na roça deles e depois na minha. A gente quando ia trabalhar na nossa roça não tinha mais força e produzia pouco, chegava a passar fome por que não tinha um homem para me defender. Eles faziam tudo para eu sair da terra, eu sofri muito, até que saí.

Vendi barato a minha parte para eles, pois não agüentava mais.

A mulher da Terra de Posse relata um pouco do que ela e sua mãe passaram diante do fato de ficarem viúvas. No entanto, esta situação particular registrada sobre relatos e lágrimas demonstra que não só elas, mas muitas mulheres sofreram esta situação. O fato de culturalmente a terra pertencer ao homem coloca a mulher em uma situação de muita fragilidade uma vez que, ao perder o marido, a mulher está destinada a ficar mais pobre e sofrer pressões de seus parentes, até não agüentar e sair da terra.

A ação masculina configurada na fala da informante denota que mesmo o parente mais próximo não quebrava a regra, agindo de fato para expulsá-la com seus filhos. Aqui há uma repetição de papéis, pois a mãe dela ficou viúva e ela também vivenciou o mesmo fato. Esta mulher teve que trabalhar na roça do irmão e sofreu muito até vender barato a sua parte tendo, por fim, que ir para outro lugar. Para ela, os irmãos não gostavam dela e queriam vê-la longe deles, por isto pressionava ela e seus filhos.

Na atualidade, esta mesma mulher percebe dois tempos distintos. No passado, as mulheres não tinham destino, pois os velhos se reuniam e decidiam o que a gente tinha que fazer, por mais que não quisesse, não tinha como fugir disto. Já a mulher de hoje tem destino, pois ela pode sair de casa, trabalhar fora, ter sua casa, seja por herança ou não e casar com quem quiser, e ninguém dirá o que ela tem que fazer.

2.3 A vítima da ingenuidade e pressão

A terceira situação também é exposta pela própria mulher que vivenciou o fato e embora hoje consiga falar disto, a mesma ficou muito tempo sem poder lembrar.

Eu quando fiquei viúva tinha muitos filhos e herdei a propriedade em que já morava com o meu marido, eu tinha este direito. O caso é que diante da situação um parente (homem) me procurou alegando que eu tinha muita terra e muitos filhos para criar, por isto ele achava que ela não daria conta de administrar tudo, já que os filhos eram pequenos em sua maioria. Por isto ele queria comprar uma parte das terras, pois desta forma ele estaria ajudando a ela e também seria bom para ele. Eu concordei com ele e vendi bem barato um pedaço da terra, só que depois que recebi o dinheiro e assinei a venda em cartório, pouco tempo depois ele pediu para que eu e meus filhos saíssemos das terras que era dele. Eu entrei em desespero, pois não sabia ler e confiei nele por ser parente e no documento contava toda a terra. Eu e meus filhos ficamos sem terra e até a casa nós perdemos, tive que morar na casa dos outros e trabalhar para os outros sem precisão. Eu sofri muito e meus filhos também.

Esta mulher foi vítima da mesma situação de perda da propriedade, só que por ingenuidade, por falta de conhecimento e por confiar no parente. O que foi verificado em campo é que, muito embora ela não tenha detalhado, o parente, ao que parece, seria um homem da família do marido e uma pessoa de muita posse e poder. Aqui novamente um parente seguiu a tradição masculina, mas utilizando de outro artifício para usurpar a herança da mulher viúva. Foi justamente conhecendo a sua fraca condição de mulher e analfabeta que o parente agiu a partir da sua fraqueza.

Levantou-se que este caso também se repetiu com outras mulheres. Embora esta situação pareça ser a mais simples, pois não envolveu violência física e trabalho forçado, talvez esta tenha sido a mais ou tão dolorosa do que as duas primeiras situações.

3 Conclusão

Na região pesquisada, quando a mulher ficava viúva um homem da família deve ajudá-la de alguma forma, seja no trabalho com a roça ou com o gado. Daí, um irmão, um tio, ou o pai termina tendo que ajudá-la. Isto por que na cultura local uma mulher não deve assumir as atividades do homem, como por exemplo, cuidar do gado. Segundo Woortmann (1997) a mulher que assume as atividades do homem afronta, ou seja, feri os valores hierárquicos do grupo como todo. Entretanto embora esta fosse dito que a mulher não poderia exercer as atividades do homem, na prática ela fazia, pois em muitos casos a realidade de cada família conduzia muitas mulheres a fazer atividades dos homens e os homens atividades das mulheres. Mas quanto se referia à propriedade e quem deveria ser o dono da terra, a decisão era masculina.

No entanto na atualidade viúvas ainda sofrem com outro tipo de situação, pois durante a pesquisa de campo levantou-se a denúncia de que muitas viúvas estão tendo sua pensão descontada contra a sua vontade. Segundo informantes, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São João D'Aliança estaria cobrando a taxa de filiação do marido falecido, assim como da própria

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

pensionista. No entanto, elas não têm a quem recorrer, pois não sabem ler e não tem como procurar advogado ou qualquer outro recurso, já que as autoridades locais não tomam nenhuma atitude.

Compreendeu-se que no âmbito desta comunidade tradicionalmente rural, a mulher tinha seu papel social com funções especialmente focada dentro do espaço doméstico, o que não a impedia de também atuar no espaço do homem na roça, auxiliando nas atividades de sobrevivência do grupo familiar. Entretanto, a terra é socialmente concebido como uma propriedade do homem e, por isto, quando a mulher fica viúva seria justificado que ela não ficasse com sua propriedade.

Com base nos dados levantados na pesquisa, constatou-se que nos três casos aqui citados as mulheres ao enviuvarem, iriam perder a terra de um jeito ou de outro. A pressão masculina neste sentido, quando não era dada pela ordem da política local, ocorria por parte de um parente, tanto dela como do marido morto. Assim, as viúvas estavam destinadas a sofrer este tipo de situação, mais cedo ou mais tarde e isto parecia ser algo já esperado pela sociedade e pela própria mulher.

Casos de violência contra viúvas, como trabalho forçado, pressão e uso indevido dos seus bens e rendas, ainda pode ser encontrado atualmente na área pesquisada. Mas também foi verificado que estudos sobre gênero, ou mais especificamente, sobre a mulher, não tem situado a questão da viuvez, denotando que este campo de estudo ainda é pouco desenvolvido.

Entende-se que há necessidade de estudos situando não apenas a situação subjetiva do estado emocional e racional perante a nova realidade de ser viúva. É preciso, também, compreender as condições que as viúvas enfrentam em meio a sua vivência, em relação as questões sociais, políticas, econômicas e culturais, tanto no contexto rural como urbano.